

UnB - BIBLIOTECA CENTRAL

378.4/817.4/105/
ex. 10260942



A NOVA (velha) ÁFRICA

(uma redescoberta brasileira)

CAMPUS

Novembro - 74

Comunicação - UnB

EDITORIAL

De repente, quando se pensava que a criatividade humana restava, apenas, o

cosmos, surge a África: um continente ultranovo, a acrescentar na história do mundo uma nova e viva área político-geográfica.

Desde 1948, os mapas da África tornaram-se obsoletos, a cada mês e, nos últimos dias, principalmente, terá sido necessário recorrer e guardar os jornais para orientar-se sobre as mutações africanas.

Um exercício-mero treinamento para formação profissional de jornalistas, para quem é fundamental um acompanhamento atento das metamorfoses geográficas - tentativas de abordagem da nova África - as colônias se transformando em nações livres e se solidarizando sem prejuízo de sua autonomia - mostraram-se de tal forma fascinantes e surpreendentes, que logo foram identificadas como importante material de informação.

O número especial de CAMPUS dedicado à África aparece como um pequeno esforço de reportagem e é pura e simplesmente uma notícia do mais importante fenômeno político dos nossos dias, representado pelo surgimento do mais numeroso continente de nações independentes do mundo contemporâneo.

E o mais importante é que não é um processo concluído, mas apenas iniciado e em

fase de desenvolvimento.

Mocimbiقة, depois de Guiné-Bissau, não é a última bandeira a surgir: ainda há manchas coloniais na velha e, paradoxalmente, nova África.

Escravo que fez a pujança da economia agrícola e mineralógica das nações americanas recém-descobertas e foi em sua própria terra instrumento da exploração de nações colonizadoras, o negro a um só tempo rompe os grilhões e expulsa os colonizadores; como que se liberta como pessoa e se proclama como nação.

Torna-se o maior bloco de membros da ONU e realiza tal processo de alianças políticas e diplomáticas com o resto do mundo, que envolve a favor de suas teses todas as grandes potências, cada uma atraída por um aliado africano, diversos entre si e unidos pela consciência de solidariedade continental.

O esforço brasileiro para apagar antigos erros e preconceitos e encontrar-se com a nova África não é só uma atitude de defesa dos interesses de exportação e importação; mais do que as perspectivas do negócio, há o fascínio e a compreensão de que o brasileiro e o Brasil moderno são um produto em que o sangue, o sacrifício e o espírito africano tiveram participação ponderável. Saravá.



CAMPUS

Edição especial sobre a África
Jornal-laboratório do Departamento
de Comunicação da Faculdade de
Estudos Sociais Aplicados —
Universidade de Brasília.

Professores:

Luiz Gutemberg e M. Vilela de
Magalhães (Técnica de Jornal e
Periférico I), Newton Diniz de
Andrade (Diagramação).

Alunos das disciplinas:
Della Silva Araújo, Jamil Bitar.

Cantuária: o homem da África no Itamaraty

Abílio Cantuária, um terceiro secretário do Itamaraty é o subchefe da divisão encarregada de assuntos africanos e vinculada ao departamento de África. sua aspiração no momento é ser transferido para a embaixada em Washington, onde tratará exclusivamente de questões ligadas à ONU.

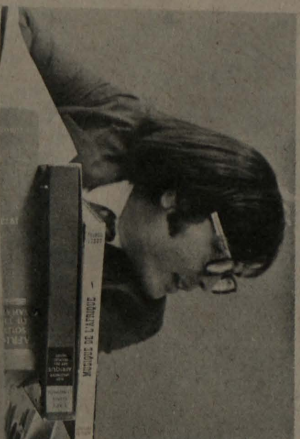
Abílio é antes de mais nada, o que se pode chamar, uma figura rara. Lembrando em muito o tipo asiático, pela cor da pele e formato dos olhos, se diz um filancioso (em sua mesa de trabalho pregou a seguinte frase: "Eu procuro com filância"). Para os que não sabem, ser filancioso é agir com amor próprio, egoísmo, validade e presunção. Não se pode afirmar que estas não sejam características marcantes da personalidade de Cantuária. Mas é um cara, no entanto, que transpõe a estas características a partir do momento em que se reconhece necessário para influir o que ele chama de "um pouco de luz nas cabeceiras dos incultos". Um pouco irônico e bastante competente em

relação às outras pessoas, segundo, atrás desta máscara, uma timidez ao menor de se mostrar o sentimento que é e o homem comum que existe em todos nós. Sempre acompanhado pelo seu tradicional cachimbo, fala pausadamente, pensando duas vezes antes de proferir qualquer palavra. É um profissional preocupado com a imagem, do órgão a que pertence.

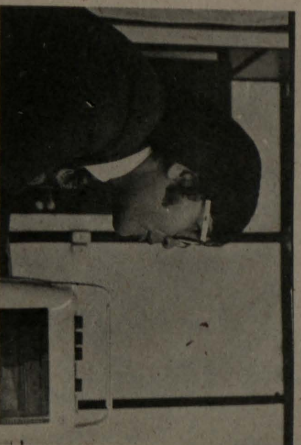
E como todo bom diplomata, não deixa também de ser um entendido em música clássica e pintura. Aliás, neste último setor, já produziu alguns ensaios com grêmios que são criticadas e admiradas por não poucos colegas de carreira.

Um amazonense que, logo após deixar a escola militar, ingressou no Instituto Rio Branco, Abílio Cantuária adquiriu com incrível rapidez os hábitos itamaratyanos. Das duas últimas turnas de diplomatas, ele é hoje, um dos que mais se destacou imbuído pelo espírito da carreira. É casado e, por enquanto, ainda não pensou em filhos. Só nos Estados Unidos.

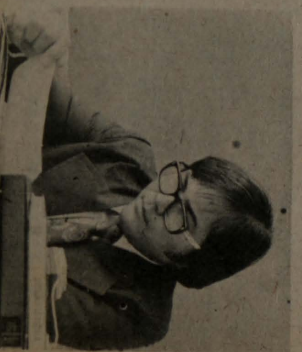
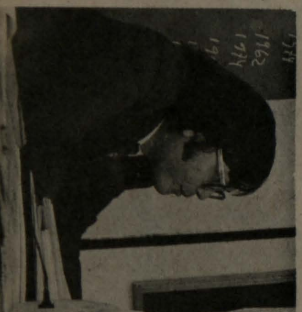
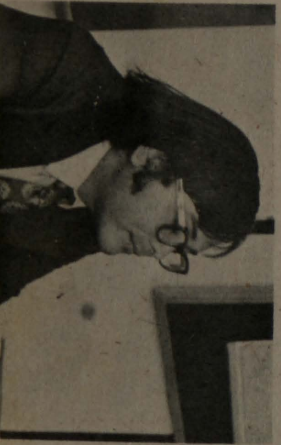
...muito preocupado com a imagem do Itamaraty, Cantuária é sobretudo um grande sentimentalista...



...entendido em assuntos de África, sua grande aspiração no momento é transferir-se para a embaixada do Brasil em Washington...



...ou para a Missão em Nova Iorque, para dedicar-se exclusivamente a problemas ligados às Nações Unidas.



UM CONTINENTE EM 2 TEMPOS

O ex-chanceler Mário Gibson Barboza disse certa vez em uma conversa informal com assessores, após uma reunião diplomática em Nova Iorque, que o melhor investimento que o Brasil poderia fazer atualmente, seria intensificar as suas relações diplomáticas e comerciais com os países africanos.

Gibson considerava as relações do Brasil com as jovens nações africanas muito mais promissoras do que as mantidas com certos países europeus de desenvolvimento consolidado e altos padrões de vida, entre eles, a Inglaterra.

Embora estivesse se referindo ao futuro, o ex-ministro das Relações Exteriores do Brasil talvez não tenha previsto que o interesse pelos mercados africanos seria despertado de maneira tão emergente, principalmente depois da eclosão da crise mundial de matérias-primas, que iria abalar toda a economia mundial e deixaria os países, aos quais se referiu, em sérias dificuldades, ao contrário de várias nações africanas que até se colocaram numa posição privilegiada com a mudança dos fatos.

Apesar disso, as relações diplomáticas e comerciais do Brasil com a África ainda se caracterizam pela incipiência, achando-se em franca desvantagem com relação à Europa, na conquista de novos e promissores mercados. Nessa corrida, o Brasil encontra o obstáculo criado, por uma tradição, a de que o comércio africano de importação de manufaturados e venda de matérias-primas sempre esteve voltado para o Velho Mundo. Entretanto,

apresentam-se como vantagem para o Brasil as afinidades nos padrões culturais e, principalmente, toda uma experiência de crescimento econômico e alternativas para solução de problemas de subdesenvolvimento que poderão servir de modelo a nações africanas, em sua maioria com problemas já enfrentados, em parte, pelos governos brasileiros, tais

como: analfabetismo, desnutrição, má distribuição de renda, desigualdade entre os diversos setores da economia, doenças endêmicas e numerosos outros.

Naturalmente, há de se levar em conta a falta de infra-estrutura dos governos africanos, em parte devido a péssima herança colonial deixada com a retirada do colonialismo. As estruturas governamentais da maioria dos países da África são até hoje, semelhantes às deixadas pelos colonizadores, que tinham o único objetivo de servir aos interesses das metrópoles e a destruturação dos sistemas hierárquicos tribais. Os modelos de governo e de desenvolvimento africanos, e, lamentavelmente, até os sistemas judiciários foram copiados dos europeus. Há países, como o Gana, que

conservam até os dias atuais um dualismo na estrutura do poder, de desintegração nacional, incoerente como o desenvolvimento de nações jovens que, muito mais do que as outras, necessitam realizá-lo aceleradamente. Junto a um governo eleito, de poderes constituídos segundo os padrões de tradição ocidental, uma liderança paralela baseada na hierarquia tribal - autêntica forma de governo,



secularmente internalizada pelas populações africanas.

As relações diplomáticas entre o Brasil e a África permitem uma separação em três etapas distintas. A primeira, iniciada em 1948, quando o Itamaraty instalava na África do Sul a sua primeira legação, elevada recentemente à categoria de embaixada, apesar dos protestos veementes de certos governos de países do continente africano que alimentam uma manifesta antipatia pela segregação do apartheidismo.

O Ministério das Relações Exteriores brasileiro justificou-se ante os descontentamentos, explicando que a elevação da antiga legação à categoria de embaixada se devia muito mais a uma modernização administrativa - era a única legação brasileira até então existente - é sabido que o Brasil mantém intenso comércio com a África do Sul.

A segunda etapa, a partir de 1961, viria em decorrência do surgimento de numerosas novas nações que tiveram sua independência promovida na fase árdua dos movimentos de libertação na África.

A terceira é aquela que ainda está para ser incrementada. Na realidade, um amadurecimento e intensificação das duas anteriores. Fatalmente, o Brasil terá de desenvolvê-la sob pena de se distanciar de todo um potencial oferecido pelos mercados africanos que o "pragmatismo" que tem orientado as nossas relações diplomáticas não poderá ignorá-los.

Atualmente, o Brasil já conta com mais de 20 em-

baixadas em capitais africanas, sendo que sete dessas representações são cumulativas, ou seja, servem a mais de um país. O Brasil mantém ainda missões diplomáticas em diversos outros países do continente

africano, entre eles, Tunísia, Argélia, República Árabe Unida, Togo, Marrocos, Mauritânia, Gana, Costa do Marfim, Serra Leoa e con-

sulados em Angola e Moçambique que, com certeza, serão elevados a

embaixadas tão logo se libertem as duas maiores colônias portuguesas, a não ser que permaneça mal vista pelos movimentos de libertação dos dois territórios a simpatia mantida pelo Brasil, durante tantos anos,

com relação ao salazarismo. No momento, as relações

comerciais entre o Brasil e as nações africanas se prendem ainda à compra de produtos de base e importação de

matérias-primas, principalmente o petróleo. A balança de pagamentos em algumas dessas transações ainda é desfavorável ao Brasil, como em relação ao Congo, a Nigéria e o Gabão.

A importância atual da África, não só para o Brasil como para o resto do mundo - minimizada pelas agências internacionais que mantêm o grosso de suas informações voltadas para os países de origem - é um dos temas

básicos da política externa brasileira.

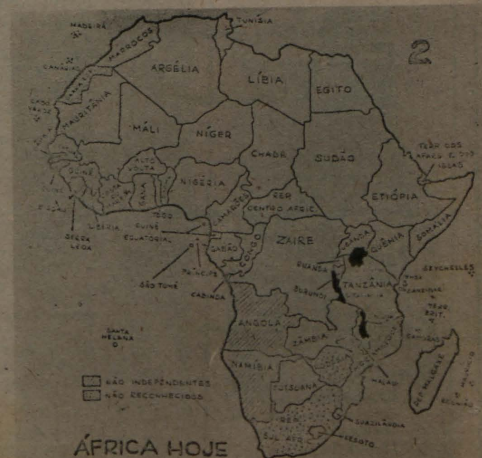


ONTEM

o domínio colonial era total

HOJE

poucos enclaves em liberdade





ÁFRICA DE A a Z

ALTO VOLTA

Independente em 1960
População: 5.485.981
Capital: Fort-Lamy
Idiomas: árabe e francês

ÁRGELIA:

Independente dos franceses desde 1962.
População: 13.547.000
Capital: Argel
Idiomas: árabe, bérbere e francês

BOTSUANA

Independente desde 1966
População: 667.000
Capital: Gaborone
Idiomas: inglês e dialetos nativos

BURUNDI

Independente desde 1962
População: 3.600.000
Capital: Bujumbura.
Idiomas: kirundi, francês e kiswahili

CAMARÕES

Independente desde 1960
População: 5.840.000
Capital: Yaoundé
Idiomas: francês, inglês e dialetos bantos

CONGO

Independente desde 1960
População: 1.089.300
Capital: Brazzaville
Idiomas: francês e banto

COSTA DO MARFIM

Independente desde 1960
População: 4.310.000
Capital: Abidjan
Idiomas: francês e dialetos sudaneses.

DAOMÉ

Autônoma desde 1960 da França
População: 2.718.000
Capital: Porto Novo
Idiomas: francês e línguas nativas

EGITO

Instalada a República em 1953
População: 33.329.000
Capital: Cairo
Idiomas: árabe e inglês

ETIÓPIA

Independente desde 1941
População: 24.315.400
Capital: Adis-Abeba
Idiomas: amárico, amghari, agau, somali, italiano e árabe

GABÃO

Independente desde 1960
População: 500.000
Capital: Libreville
Idiomas: francês, fang e banto

GAMBIA

Independente em 1965
População: 374.770
Capital: Bathurst
Idiomas: inglês e línguas tribais

GANÁ

Independente desde 1957
População: 8.545.561
Capital: Acra
Idiomas: inglês e dialetos indígenas

GUINÉ

Independente desde 1958
População: 3.920.000
Capital: Conacri
Idiomas: francês e línguas nativas

GUINÉ-BISSAU

Independente em 1974
População: 530.000
Capital: Bissau
Idioma: português

GUINÉ EQUATORIAL

Autônomo em 1958
População: 290.000
Capital: Santa Isabel
Idioma: espanhol

LESOTO

Independente desde 1966
População: 1.080.857
Capital: Maseru
Idiomas: lesoto, inglês e dialetos nativos

LIBÉRIA

Fundada em 1848
População: 1.200.000
Capital: Monróvia
Idioma: inglês

LIBIA

Instalada a República em 1969
População: 2.010.000
Capital: Trípoli
Idioma: árabe

MALAUI

Independente desde 1964
População: 4.552.000
Capital: Zomba
Idiomas: inglês, chinianja e chitumbuca

MALI

Independente desde 1960
População: 5.031.500
Capital: Bamaco
Idiomas: francês e mande

MARROCOS

Independente em 1956
População: 15.530.000
Capital: Rabat
Idiomas: árabe e francês

MAURITÂNIA

Independente desde 1960
População: 1.160.000
Capital: Nouakchott
Idiomas: árabe e francês

MOÇAMBIQUE

Declarado independente em 1974
População: 8.233.034
Capital: Lourenço Marques
Idioma: português

NIGER

Independente desde 1960
População: 4.020.000
Capital: Niamei
Idiomas: francês e hausa

NIGERIA

Independente em 1960
População: 67.828.000
Capital: Lagos
Idiomas: inglês, árabe e línguas tribais

QUENIA

Independente em 1963
População: 11.694.000
Capital: Nairóbi
Idiomas: inglês, swahili e vários dialetos tribais.

REPUBLICA CENTRO-AFRICANA

Independente desde 1960
População: 1.520.000
Capital: Bangui
Idiomas: francês e sango

REPUBLICA SUL-AFRICANA

Independente desde 1961
População: 21.282.000
Capitais: Pretória (administrativa)
Cidade do Cabo (legislativa)
Blenfontain (judiciária)
Idiomas: afrikaan, inglês e dialetos bantos.

RODESIA

Independente desde 1965 não reconhecida pela ONU
População: 5.400.000
Capital: Salisbury
Idiomas: inglês, shona e outras línguas africanas.





TERRITÓRIOS NÃO AUTÔNOMOS

ANGOLA

Colônia portuguesa
População: 5.466.600
Capital: Luanda
Idioma: português

NAMÍBIA

Anexada pela República Sul-Africana desde 1966
População: 746.328
Capital: Windhoek
Idiomas: afrikaans, alemão, inglês e dialetos africanos

SAARA ESPANHOL

Autonomia parcial desde 1967 da Espanha
População: 76.425
Capital: Aaidn
Idioma: espanhol

TERRITÓRIO FRANCÊS DOS AFARS E DOS ISSAS

Colônia francesa
População: 95.000
Capital: Djibouti
Idiomas: francês, árabe, afar e somali

POSSESSÕES

CABO VERDE

Possessão portuguesa
População: 246.000
Capital: Praia de São Tiago

CANÁRIAS

Constituída por duas províncias espanholas: Santa Cruz de Tenerife - Capital: Santa Cruz; Las Palmas - Capital: Las Palmas
População: 1.170.224

COMORAS

Possessão francesa
População: 267.000
Capital: Moroni
Idioma: francês

FUNCHAL

Possessão portuguesa
Formada pelas ilhas: Madeira, Porto Santo, Desertas e Selvagens
População: 268.700
Capital: Funchal

REUNION

Possessão francesa
População: 455.200
Capital: Saint Denis
Idioma: francês

SANTA HELENA

Possessão britânica
População: 4.829
Capital: Jamestown

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE

Possessão portuguesa
População: 61.000

SEYCHELLES

Possessão britânica
População: 54.000
Capital: Victoria

TERRITÓRIO BRITÂNICO NO OCEANO ÍNDICO

Possessão britânica
População: 560

ARQUIPÉLAGOS INDEPENDENTES

REPÚBLICA MALGAXE

Independente desde 1960
População: 7.423.864
Capital: Tananarive
Idiomas: malgaxe e francês

MAURÍCIO

Independente desde 1968
População: 830.700
Capital: Port Louis
Idiomas: inglês, francês e crioulo

RUANDA

Independente em 1962
População: 3.736.000
Capital: Kigali
Idiomas: kinia-ruanda, francês e kiswahili

SENEGAL

Independente desde 1960
População: 3.930.000
Capital: Dacar
Idiomas: francês e uluf

SERRA LEOA

Independente em 1961
População: 2.627.000
Capital: Freetown
Idiomas: inglês, crioulo, mendé e temne

SOMÁLIA

Independente desde 1960
População: 3.000.000
Capital: Mogadishu
Idiomas: somali, árabe, inglês e italiano

SUDÃO

Independente desde 1956
População: 15.675.000
Capital: Cartum
Idiomas: árabe e nilótico

SUÁZILÂNDIA

Independente desde 1968
População: 442.195
Capital: Mbabane
Idiomas: suazi e inglês

TANZÂNIA

Independente desde 1961
População: 13.273.000
Capital: Dar es Salaam
Idiomas: swahili, inglês e dialetos bantos

TOGO

Independente em 1960
População: 1.955.916
Capital: Lomé
Idiomas: francês e eue

TUNÍSIA

Independente da França em 1956
População: 5.238.000
Capital: Túnis
Idiomas: árabe e francês

UGANDA

Independente em 1962
População: 10.461.500
Capital: Campala
Idiomas: inglês e luganda

ZAIRE

Independente desde 1960
População: 16.585.944
Capital: Kinshasa
Idiomas: francês e banto

ZÂMBIA

Independente desde 1964
População: 4.396.000
Capital: Lusaka
Idiomas: inglês e dialetos bantos



Agricultura: solo difícil e sem técnica

A reafirmação de soberania dos estados africanos tornou vultoso destacado no cenário político internacional a partir da conscientização do novo papel a ser desempenhado pelos seus povos e da tentativa de estabelecer a sua presença nos assuntos mundiais. A emergência da África como uma promessa para a solução dos problemas mundiais e como auto-affirmação cultural e econômica vai de encontro aos atuais problemas mundiais, como a inflação, a crise de energia e de matérias-primas.

As Nações Unidas erguem-se como símbolo do advento da nova era universal, que marca a extinção do sistema de dominação mundial. O fim da dominação europeia não significa somente a destruição do colonialismo ocidental mas é nas palavras de Arnold Toynbee, resultado da repulsa e

do repúdio por parte do resto do mundo, das agressões políticas e culturais pelas quais a Europa Ocidental se fez senhora do mundo. A moderna civilização industrial tornou-se, e dificilmente deixará de ser, dominante no mundo, o que acarretará sempre uma desvantagem às nações subdesenvolvidas, que procuram uma maior independência econômica e cultural.

A emergência da África no cenário mundial, a partir da Segunda Guerra Mundial foi a causa da queda mais rápida e dramática do imperialismo ocidental. A África é o exemplo mais evidente do triunfo da civilização industrial e o renascimento de independência política e autodeterminação cultural. Resta saber até que ponto a África não estará sendo vítima das espoliações dos povos desenvolvidos e relegada à in-



O cultivo inadequado da terra torna difícil a agricultura e a pecuária

possibilidade de dar ao seu povo o padrão de vida ideal esperado.

As perspectivas econômicas do continente africano estão voltadas para as riquezas do subsolo, tendo em vista que os solos são pobres de substâncias minerais básicas e a ausência de um período glacial inibiu a formação do solo propício à prática agrícola e pecuarista. Somente nas estreitas faixas dos vales dos grandes rios e uma boa parte da África Ocidental essas atividades são desenvolvidas com mais intensidade e êxito, sem no entanto lograrem grandes destaques, devido à pouca adequação e todo.

Mercado para nossas máquinas

O comércio entre o Brasil e os países africanos é ainda incipiente, sendo muito reduzidas as pautas brasileiras de exportação e importação.

Pode-se dizer que isso ocorre devido à inexistência do que conectar, pelo menos até os últimos anos. Só a partir de 73, com a eclosão da crise mundial de energia, provocada pelos sucessivos aumentos nos preços do petróleo, os países africanos que têm disponibilidade de petróleo passaram a ter uma importância comercial mais expressiva para o Brasil. Efectivamente, as nossas compras de petróleo africano têm aumentado, principalmente na Nigéria.

Por outro lado, alguns países africanos como o Egito, Argélia e Nigéria estão procurando acelerar o seu processo de industrialização, o que os torna mercados promissores para as exportações brasileiras de máquinas, equipamentos, matérias-primas, manufaturas e serviços, principalmente no setor de construção civil. Neste último setor, inclusive, o Brasil, através das construtoras Mendes Junior e Canargo Correa, já está atuando no Egito e na Argélia.

Excetuando os países produtores de petróleo, não existem produtos de países africanos que atualmente interessem às importações brasileiras. Os principais produtores de exportação da África são o arroz, o milho, o vinho e os citrinos, por parte da Argélia, o café (que interessa ao Brasil), embora a redução da distância entre o Brasil e o Chile favoreça as importações deste país) e têxteis e tecidos por parte do Egito.

TENDÊNCIAS

A atual tendência brasileira de diversificar as suas relações comerciais tanto para importações como para exportações, para evitar episódios como a recente "guerra dos calçados", que, depois de algumas escaramuças, terminou com uma sobretaxa que dificultou o ingresso do produto brasileiro no mercado norte-americano (para onde vão 86 por cento das exportações brasileiras de calçados atualmente).

Para a execução desta política comercial, é necessário um trabalho também na parte de relações diplomáticas e, no caso da África, é significativa a importância que o Itamaraty vem dando ao preenchimento das embaixadas brasileiras em países africanos, já que hoje uma mesma embaixada serve a dois ou mais países.

Dentro desta política, é possível que

sejam incrementadas as nossas compras de países africanos, como forma de incentivar em contrapartida as nossas exportações (a exemplo do que vem sendo feito em relação à União Soviética e Leste Europeu).

Espera-se, assim que as compras de petróleo produzido em solo africano devam ser aumentadas, assim como possíveis compras de metais não ferrosos, principalmente cobre.

COMÉRCIO

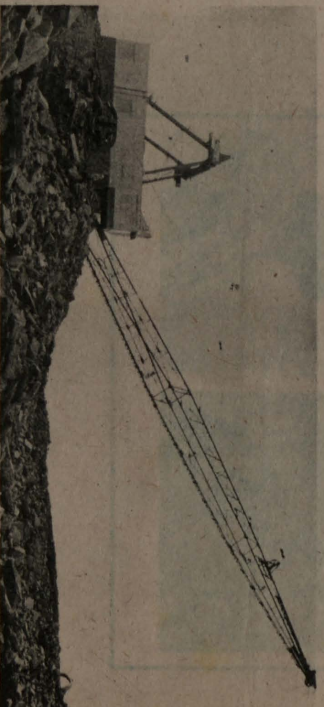
Países mais adiantados industrialmente, como a Argélia e o Egito, adotam um sistema centralizado de comércio exterior, com empresas estatais controlando as negociações. No caso da Argélia, estas empresas são chamadas de "Sociétés Nationales", e no caso do Egito, o comércio exterior é feito na base de acordos bilaterais, em parte devido à sua crença de divisas, através do Ministério da Economia e Comércio Exterior e Organização Geral do Comércio.

Não existe um comportamento geral padronizado, ou algo que se aproxime disto, para definir o comércio exterior dos países africanos.

Mas, de maneira geral, os clientes preferenciais, ou de maior importância na composição da pauta de importações e de exportações dos países africanos são as antigas metrópoles, os países membros da Organization of United Africa (OUA) ou, para os países envolvidos direta ou indiretamente no conflito do Oriente Médio, a União Soviética, o Leste Europeu e os membros da Organização dos Estados Árabes.

As possibilidades e necessidades de importação dos africanos são bastante diferenciadas, graças aos violentos desníveis existentes entre as economias dos diversos países. Enquanto alguns são clientes potenciais para as exportações brasileiras de manufaturas, máquinas e equipamentos - caso do Egito e da Argélia - outros seriam compradores de alimentos - óleo e gorduras, no caso da Zâmbia. Alguns outros, diretamente afetados pela seca que vem ocorrendo há cinco anos ao sul do Saara, atrasando com a agropecuária, fraco substituído de suas economias, não têm condições de realizar importações, por maior que seja a carência de alimentos.

Mas, máquinas e equipamentos, principalmente destinados à mineração e transporte, encontram mercado em



O melhor cliente do Brasil é o Senegal, seguido dos produtores de petróleo

praticamente todos os países africanos, principalmente os que não têm - como Zâmbia - tarifas preferenciais para nenhum país.

Dentro do atual panorama da economia dos países africanos, o melhor cliente potencial do Brasil é o Senegal, seguido dos produtores de petróleo, estes pela balança comercial bilateral desfavorável ao Brasil. Também poderiam ser citados Moçambique e Angola, que estão entre os maiores clientes do Brasil, na África, embora insignificantes na pauta brasileira de exportações.

EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS

As exportações brasileiras para os países africanos são, como já foi dito, insignificantes, conforme demonstram os exemplos que se seguem.

	(em dólares FOB)
Angola	1 milhão 812 mil
Argélia	12 milhões 500 mil
Costa do Marfim	64 mil
Egito	1 milhão 500 mil
Gana	853 mil
Moçambique	1 milhão 410 mil
Nigéria	1 milhão 3 mil
Quênia	35 mil
Zaire	751 mil
Zâmbia	807 mil

Pela lenta evolução do comércio entre o Brasil e o continente africano pode-se dizer que o seu incremento não é uma meta prioritária do nosso governo.

A maior atuação política que está se desempenhando - como o reconhecimento de Guiné-Bissau e o apoio à descolonização -

parece mais estar destinada a manter uma proximidade que possa ser utilizada futuramente. As reservas de petróleo da Nigéria, Argélia, Egito e Angola, as reservas de não-ferrosos de Angola, Moçambique e Argélia, e o mercado potencial que representam praticamente todos os países africanos não devem ser desprezadas, mesmo que não estejam sendo utilizadas atualmente pelo Brasil.

Apenas o petróleo e um mercado incipiente para bens e serviços brasileiros vêm sendo desenvolvidos mas, mesmo aí, pode-se sentir ou uma necessidade premente, por parte do Brasil, de combustível, ou a iniciativa isolada de umas poucas empresas, ou simplesmente um "pe" colocado na África, para ser futuramente utilizado para abrir mais uma porta ao nosso comércio internacional.

Pelo que vem sendo realizado pelo governo, o Leste Europeu e União Soviética, a China e o Mercado Comum Europeu são metas ainda mais importantes do que a África.

Talvez o "recrudescimento da atual crise mundial e o crescente protecionismo comercial dos países industrializados e desenvolvidos possam modificar estas prioridades, assim como o seu início, a partir de 71, fez mudar a então vigente política comercial brasileira.

É possível que passemos, a partir daí, a ouvir falar mais nas nossas "origens africanas", na "herança cultural" ou mesmo em algo parecido com "irmãos de sangue". E estamos comerciando mais intensamente com os países do continente africano.



Em Busca da Personalidade Própria

O continente africano, no momento em que procura desenvolver-se e destacar-se no cenário mundial, busca a sua identidade e personalidade própria, que é a dinâmica básica da sua política. O entendimento dos acontecimentos internos dos países africanos só é possível compreendendo-se a relação desses acontecimentos com o papel que a África procura desempenhar no mundo, levando-se em consideração suas origens como povo e cultura.

A África possui uma área de 29 milhões de quilômetros quadrados, quase quatro vezes o tamanho do Brasil. Está intimamente relacionada com a Europa e o Oriente Próximo, mas bastante dividida interiormente no seu aspecto continental, tendo em vista as enormes distâncias, as variações climáticas, as irregularidades do relevo, a vastidão dos desertos e as características do seu litoral, pouco propício à navegação. Isso dificulta enormemente as inter-relações continentais.

O negro sul-africano discriminado pelo apartheidismo em Johannesburg está a sete mil quilômetros do seu conterrâneo em Dacar.

Mesmo dentro de certos países as distâncias são enormes, como é o caso da distância de um mil e 700 quilômetros entre as cidades de Leopoldville e Elisabethville, no centro da região de Catanga. Esses aspectos tornam difícil até mesmo o controle político e administrativo por parte dos governos desses países.

O transporte aéreo torna-se elemento importantíssimo, porque as rodovias e ferrovias não atendem às necessidades de transportes e comunicações, uma vez que foram construídas, em sua maioria, pelos colonialistas, como meio de escoar as riquezas do interior para a costa do continente. A construção de portos artificiais, como os de Monróvia, na Libéria, ou de Tema, em Gana, foi decorrente da necessidade de possibilitar a carga e descarga de navios de grande porte, perto dos centros populacionais e de zonas industriais. Os rios despenham-se do planalto para o mar, dificultando a navegação da costa para o interior do continente, mas dão à África o maior potencial hidroelétrico do mundo.

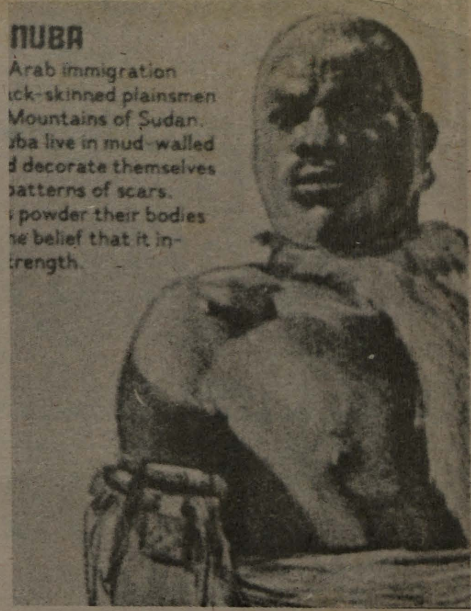
O negro constitui mais de dois terços da população africana, mas longe está de constituir fator de unificação do continente, pois que em quase toda a África a desunião mais alarmante está nos seus aspectos étnicos. Os povos brancos espalhados por diversas partes do continente e, em certas regiões chegam a constituir maioria da população, tal como os norte-africanos, os sedaneses, os somalis, os etíopes e os malgaxes, além dos europeus.

Centenas de línguas e dialetos são falados por todo



NUBA

Arab immigration
ick-skinned plainsmen
Mountains of Sudan.
yba live in mud-walled
d decorate themselves
patterns of scars.
i powder their bodies
ne belief that it in-
rength.



o continente, e isso faz com que sejam relativamente pequenos os grupos que falam uma mesma língua. A

única língua indígena usada como idioma oficial em quase todos os estados africanos é o Suaíli — uma língua de influência árabe, adotada pela Tanzânia e falada em grande parte da África Oriental.

A cultura tradicional africana é em grande parte simples variação da cultura oral encontrada em todo o mundo pré-industrial. Apesar de culturalmente os africanos terem muito em comum, um notável contraste cultural separa os povos islâmicos da África do Norte da maior parte do continente, e, em muitos aspectos os negros sul-africanos tem mais em comum com os negros americanos que com os habitantes das florestas tropicais ou das pradarias do Sudão.

O fator fundamental que une os africanos é a experiência comum do colonialismo europeu, dos massacres do seu povo, a sua cultura e dos direitos de pleitear um

lugar no cenário mundial campo político e econômico.

A tentativa de criar um África com aquilo que libertado envolve uma tarefa: a construção de uma sociedade e de uma comunidade pan-africanas, criação de uma posição distinta na cultura e política mundiais.

A preocupação dos povos africanos é modernizar-se tecnologicamente, sem abandonar de seus valores espirituais, seus laços familiares e sua solidariedade comunitária. Pretende criar uma cultura que seja uma amálgama do melhor que tenha o Ocidente e a tradição africana — uma cultura essencialmente europeia nos aspectos materiais, africana nos aspectos sociais e espirituais. Os elementos dessa busca de uma nova síntese são o reavivamento de antigos ritos e de tradições tradicionais, o culto da arte da música nativa e proclamação da "democracia africana" e do "socialismo africano".

O modelo de desenvolvimento africano deve basear-se num processo que permita uma taxa de crescimento superior à do Brasil que é hoje o mais expressivo do mundo. Só assim a África atingirá o estágio de países desenvolvidos.

O processo de independência dos povos africanos decorreu do surgimento de lideranças políticas nacionais, que encaminharam, tanto a África Branca quanto a Negra, a uma conscientização continental do sentido da sua liberdade política. O aparecimento de líderes nacionalistas, como Jomo Keniata, foi fundamental para os movimentos de libertação dos povos africanos.

Há 15 anos, apenas 10 estados africanos, representando menos de 30% da área total, gozavam de autonomia política. Basta lembrar que por ocasião da Segunda Guerra Mundial apenas cinco países haviam proclamado suas independências: Libéria — a mais antiga nação independente da África, Egito, Marrocos, Etiópia e União Sul Africana. O movimento de libertação dos povos africanos e os acontecimentos da política internacional, aliados ao desenvolvimento econômico e cultural internacional, aliados ao desenvolvimento econômico e cultural registrado em muitas áreas, permitiram que se tornassem realidade as aspirações nacionalistas. Tanto é que somente em 1960,

17 novas nações surgiram independentes no cenário internacional: Alto Volta, Camarões, Chade, Niger, República Centro Africana, República Malgaxe, Senegal, Somália, Togo e Zaire.

Sucessivamente outros estados africanos conquistaram assento na Organização das Nações Unidas. Recentemente tivemos a concretização da independência da Guiné Bissau, e está em andamento o processo de libertação das demais colônias que ainda restam, principalmente, portuguesas.

O fato da economia dos países africanos estar ainda em estágio bastante atrasado, limitando-se a uma agricultura de subsistência e, em certas regiões, simples coleta e caça, vem preocupando bastante os líderes africanos, que vêem a necessidade de adotar um processo de desenvolvimento dez vezes mais rápido do que o adotado no Brasil, para que o Continente Africano atinja o estágio dos países desenvolvidos.

Certos líderes africanos aplicam firme orientação no sentido de implantar a economia de pro-

dução com a propriedade comunal das terras, como fator básico do desenvolvimento econômico. Mas é preciso lembrar que os povos africanos deverão importar todo um "Know-How" estrangeiro para modernizar toda a agricultura e instalar a indústria de produção.

Atualmente, com a crise mundial de energia, a África tem sido vista como uma esperança para a solução do problema. Deixou de ser um simples continente esquecido para merecer especial atenção, principalmente, por parte dos países mais atingidos pela crise energética.

O Brasil, dada a sua herança cultural, provida principalmente da África Ocidental, tem mantido estreitas relações políticas, culturais e comerciais com vários países africanos. Para tanto mantém relações a nível de Embaixadas, com os principais centros econômicos, políticos e culturais do Continente. Nos países de menos importância, o Brasil faz-se representar com apenas um representante para grupos de mais de um país.

Herança Cultural Africana no Brasil

Os negros introduzidos no Brasil pertenciam a civilizações diferentes e das mais variadas regiões da África. Suas religiões eram ligadas a certas formas de família ou de organização clânica; a meios biogeográficos, floresta tropical ou savana, e a estruturas aldeias e comunitárias. O tráfico negreiro violou tudo isto. O escravo foi obrigado a se incorporar a um novo tipo de sociedade baseada na família patriarcal, no latifúndio e no regime de castas étnicas.

A religião dos escravos sofreu influência da pressão cultural do europeu branco, católico, e da dupla política seguida pelo Estado português - representado pelos governadores e a Igreja católica.

O negro era arrancado à força de sua terra, transportado para um novo habitat e integrado numa sociedade onde sua posição era de subordinado econômico e social. A escravidão ia destruir-lhe a comunidade africana aldeia ou tribal, sua organização política, as formas de vida familiar, impedindo a subsistência de estruturas sociais nativas. O negro entrava numa sociedade estratificada onde o branco ocupava o ápice, o mestiço livre ou caboclo a classe intermediária, e ele a camada inferior - a da escravidão. Foi incorporado nas grandes famílias proprietárias de plantações ou minas, células básicas da sociedade brasileira. As famílias substituíam o clã, a linhagem e a aldeia.

As populações africanas precisaram adaptar-se aos novos quadros econômicos e sociais, à monocultura, à escravidão e à família do senhor de engenho, mas seus hábitos subsistiram a todas essas pressões.

Dos grupos representantes das civilizações africanas no Brasil temos: as civilizações sudanesas, representadas pelos ioruba (nagô, ijexá, egbá, ketu etc.), pelos daoméanos do grupo gégé (ewe, fon...) e pelo grupo fanti-axanti ou mina; as civilizações islamizadas, representadas pelos peulhs, mandingás, haussa; as civilizações bantu do grupo angola-congolês, representadas pelos abundas de Angola (cassangues, bangalas, dembos), congos do estuário do Zaire, benguela e congos da Contra-Costa representados pelos moçambiques.

No século XVII, a atividade agrícola predominava no Brasil, com os negros bantos dominando este período colonial. Eram excelentes agricultores, numa época carente de mão-de-obra.

No século XVIII, o grupo mina subs- progressivamente os bantos, porque descoberta do ouro necessitava de trabalhadores justamente quando uma epidemia dizimou a população de Angola. Os sudaneses foram encaminhados aos

trabalhos pesados da mineração, por serem considerados "mais fortes e vigorosos". Nos séculos seguintes vieram os daomedanos e depois os bantos. Cada século teve sua característica étnica própria. Em decorrência desse fato cada grupo - banto, mina, sudaneses - deixou traços de sua civilização no Brasil, antes que a mistura das etnias tivessem um efeito desagregador.

O tráfico permitia uma renovação das tradições africanas, através do contato permanente entre antigos escravos e os recém-chegados. Entre eles vinham sacerdotes, adivinhos e médicos feiteiros. A existência de ciclos no tráfico e a renovação da mão-de-obra permitiu durante o período escravista, um rejuvenescimento dos valores religiosos, quando esses tendiam ao enfraquecimento.

As grandes plantações, que reuniam milhares de escravos, possibilitaram a perpetuação dos valores africanos. As etnias podiam reagrupar-se e formar dentro dos grupos negros, e em torno de seus líderes religiosos, uma solidariedade mais restrita. Segundo Roger Bastide, os negros das plantações "comungaram também em festas, renovaram a força de seus símbolos, de seus valores, de seus ideais na reunião regular e em datas determinadas ao redor do jogo e ao som dos atabaques."

A Igreja aceitou a escravidão do negro, porém exigiu a sua cristianização. Organizou confrarias nos moldes dos brancos para incorporar o negro na comunidade religiosa brasileira, entretanto, conservando certa distinção. Foi no interior das confrarias - a de São Benedito e a do Rosário dos Negros - que houve o sincretismo religioso. Os costumes africanos adaptáveis ao catolicismo foram aceitos, reinterpretados, recebendo novo significado. É o caso, por exemplo, das realzações nacionais ou das chefias tribais. A tradição africana da sucessão hereditária dos reis foi substituída nas confrarias pelo sistema eletivo. Além disso, os escravos continuaram a falar suas línguas primitivas.

A Igreja, sem o querer, ajudou a sobrevivência dos cultos africanos praticados de uma forma clandestina. Assim, tem-se certas conclusões deduzidas da análise das condições históricas da implantação da África no Brasil: as estruturas sociais africanas foram destruídas, os valores conservados; estes só sobreviveram porque se adaptaram a novos quadros sociais e instituições. Isto significa que as superestruturas tiveram que produzir uma sociedade - dos símbolos, dos valores e das representações coletivas para as instituições e grupos.

trais africanos.

Assim, através dos batuques das danças, os cultos escritos religiosos do africano sincretizaram-se às culturas sudanesa e ameríndia, às religiões católica e espírita. O culto aos antepassados é a base da vida religiosa, tanto na Umbanda (derivada de Ki-mbanda) e no Candomblé. Os ritos são as evocações dos espíritos que surgem encarnados nos médiuns, e que são a sobrevivência dos cultos antepassados de Angola e Congo. Há grupos de santos e espíritos que surgem em falanges.

Na Umbanda, todos os santos católicos, espíritos das mesas kardecistas e orixás sudaneses aparecem nos terreiros ou centros. Na cerimônia são invocados os orixás, caboclos (índios), pretos velhos e crianças.

Já no Candomblé, a idéia fundamental do sistema religioso é a concepção segundo a qual todo homem descende de uma divindade, ligado às forças da natureza. O culto é organizado pelas mãos de santos, que recebem os orixás, - Oxalá, Xangô, Exu, Ogum, Iemanjá. É mais espiritualizada que a Umbanda.



A Nova Cultura Africana

O advento da Era da Cultura Universal afeta a cultura africana de uma maneira pungente, obrigando a África a procurar restaurar ou criar sua identidade, ao mesmo tempo em que enfrenta o mar desconhecido do futuro; a voltar a ser africana, ao mesmo tempo em que se torna moderna. Os estados africanos, bem como o seu socialismo, são tidos como pré-condições essenciais para restaurar a dignidade dos africanos como africanos.

O conflito sobre o significado de ser africano permeia hoje toda a vida africana - a religião, as artes, a cultura popular e a educação. E nessas áreas que muitas das lutas cruciais com relação ao futuro papel da África no mundo estão sendo definidas.

No que tange aos valores religiosos, a África de hoje é campo de batalha de quatro forças antagonistas: a religião tradicional, o Cristianismo, o Islã e o materialismo indiferente. Em toda parte as religiões tradicionais estão declinando. Cultos revivalistas, como o da sacerdotisa Alice Lenshina, cuja igreja Lumpa causou desordens em Zâmbia, e a reversão ao chamado primitivismo nos distúrbios mao-mao e na rebelião do Congo, são na realidade provas do declínio da religião tradicional. São típicas reações tradicionais desesperadas à decadência de idéias tradicionais, de que são análogas os "cultos da carga" melanésios e os movimentos da Danças dos Espíritos dos Índios americanos no século XIX.

A superstição e a feitiçaria existem desmedidamente e continuam a influenciar até mesmo muitos elementos da elite política. A visão existencial básica implícita nas religiões e filosofias africanas tradicionais, talvez contínuem por algum tempo a ser fator importante no subconsciente cultural africano ou na formação de estruturas características. Não é a quantidade de conversões ao Cristianismo ou ao Islã que constitui o sinal crítico de mudança religiosa, e sim, a incapacidade tecnológica. É paradoxal o papel das missões no nacionalismo africano.

Aparteísmo: um Desafio

A discriminação racial na Rodésia, África do Sul e em muitos estados africanos é um, dentre os vários desafios enfrentados pela África na busca da sua identidade. Os desafios impostos pela África Portuguesa, em princípio, pareciam mais difíceis, mas aos poucos, estão sendo solucionados, enquanto que a situação no sul do continente a cada dia que passa se torna mais caótica.

A Rodésia é um estado de colonos em que uma absoluta maioria negra é governada por uma pequena minoria branca, que considera estarem os africanos num estágio de desenvolvimento tão baixo que é preciso mantê-los sob tutela por um período indefinido. Inicialmente os governos rodésianos não postulavam, como ossul-africa nos uma permanente segregação racial. O representante dos fazendeiros brancos, e então, primeiro-ministro rodésiano Ian Smith afirmou, em 1964, que o ideal seria chegar a uma situação em que se aceitasse as pessoas, no país, por seu mérito, sem perguntar se são africanas, de cor, ou europeias, mas já admitia que isso levaria muito tempo, pois considerava tratar-se isso de um processo evolucionário. Como o Governo rodésiano nada faz por acelerar esse processo, o pessimismo sobre sua prolongada duração tem preocupado, não só os africanos, como também as Nações Unidas.

As nações européias, ampliaram seus domínios a fim de suprimir a escravidão e expandir o comércio, e por motivos de estratégia e prestígio. Cecil Rhodes, fundador do império britânico na África, sonhava com algo um pouco diferente - era no sentido mais fundamental, um racista.

Em 1965, Ian Smith declarou, unilateralmente a independência da Rodésia, afirmando que a nova nação devia estar preparada para "marchar sozinha". Essa atitude reforçou ainda mais os pontos básicos do regime no que tange ao desenvolvimento da terra e, acima de tudo, a manutenção do padrão de vida elevado dos brancos, tornando-se cada vez mais fortes e radicais no sentido de manter o aparteísmo.



Religião, candomblé e umbanda?

As religiões transportadas da África, apesar da escravidão, sobreviveram. Na África estavam em contato com a família, aldeia e tribo. Aqui, foram obrigadas a adaptar-se à nova infra-estrutura - a grande plantação ou centro urbano, a escravidão e a sociedade patriarcal. Na África as divindades eram cultuadas para ajudar na agricultura. No Brasil, a cultura africana deixou de ser cultura comunitária de sociedade global, para se tornar exclusiva de classe social - um grupo explorado economicamente e subordinado socialmente.

A aculturação apareceu como uma luta pelo status social. A religião desviou-se de seu significado sagrado, penetrando-se de ressentimentos, de ódios raciais e reivindicações econômicas. A religião africana sincretizada à católica foi um meio de ascensão econômica. Era a única possibilidade para o negro incorporar-se à comunidade dirigente, branca. A catequização permaneceu superficial. O catolicismo se sobrepôs à religião africana mas não a substituiu. Houve uma transferência de suas divindades para o culto dos sacramentos. A obrigação à missa só favorecia o culto clandestino dos ances-